

## Homenagem inacabável

Passado um mês da sua morte, parece impossível parar de celebrar a existência do presente transgressor que foi Rita Lee

Acordei na manhã do dia 9 de maio, uma terça-feira, há um mês atrás, me sentindo muito mal por uma mistura de gripe, cansaço e estresse acumulados nas semanas anteriores. Decidi não ir para a aula de manhã e repousar um pouco, para à tarde ir ao estágio. Estava conversando pelo WhatsApp com o meu amigo Chico sobre trabalhos da universidade quando ele me enviou, de repente, a seguinte mensagem: “rita lee morreu”.

A sensação de choque não foi tão grande, já que eu estava acompanhando havia um bom tempo as idas e vindas do hospital da cantora que foi, e é ainda uma das minhas maiores inspirações. Coloquei as músicas dela para tocar na cozinha enquanto eu preparava o café da manhã. Lembro que a primeira coisa que eu quis fazer foi contar para a minha mãe. Ela foi o maior motivo de eu gostar tanto da Rita. Quando eu era criança, nas viagens de carro que nós fazíamos, escutávamos sempre os CD’s da minha mãe. Entre eles, tinha Cássia Eller, Nando Reis, Titãs, Phil Collins e Rita Lee, todos músicos dos quais gosto muito até hoje.

A Rita era, desde aquela época da infância, uma das minhas preferidas. Fora do carro, quando minha mãe demorava para chegar em casa do trabalho e eu, filha única de pais separados, ficava sozinha sem ter muito o que fazer, às vezes ia para o quarto dela, me esparramava na cama confortável de casal e passava horas escutando CD’s. Lembro de escolher, além de Sandy & Júnior, Rouge e Ana Carolina, o CD da Rita Lee, pulando direto para a minha música preferida da época: *Doce Vampiro*. E escutava a canção olhando para o teto e cantando a letra inteirinha até pegar no sono.

Rita me acompanhava nesses momentos solitários da infância em que a minha mãe não podia e meu pai não queria estar por perto. Falando em pai, mais tarde, na adolescência, a rainha do rock também me acolheu muito com *Ovelha Negra*, que fez eu me sentir melhor (e mais descolada, até) por ser cada vez mais excluída da minha família paterna — por mais que a cantora tenha admitido em uma entrevista que o verso “Foi quando meu pai me disse filha/Você é a ovelha negra da família/Agora é hora de você assumir/ E sumir” foi feito com “licença poética”, uma vez que seu pai, Charles Fenley Jones, chegou a reclamar para ela, ressentido, que não era verdade que ele a havia expulsado de casa.

Naquela terça-feira, minha mãe estava em casa, mas em uma reunião online, então preferi não incomodá-la. Em algum momento, quando eu estava no meu quarto e ela passou

indo em direção à escada eu olhei para ela e dei a notícia. A reação dela, pela expressão facial, pareceu ser parecida com a minha: muito triste, mas pouco surpresa. Ela desceu para fazer o almoço. Ouvi, alguns minutos depois, que ela havia feito o mesmo que eu e colocado as músicas de Rita para tocar na cozinha. Mais tarde, fui me juntar a ela e ficamos cantando as canções juntas, como fazíamos dentro do carro na minha infância, com destaque para *Esse tal de Roque Enrow*, que se tornou a nossa música.

À tarde, fui para o estágio e lembro de pensar em algum momento que no dia seguinte a Rita provavelmente apareceria na capa da *Ilustrada*. Anotei mentalmente: “Amanhã vou passar em uma dessas banquinhas do centro e comprar uma *Folha*”. Na quarta, porém, com a rotina muito agitada, acabei esquecendo de comprar o jornal. Cheguei na universidade à noite e fui conversar com algumas amigas, quando tocamos no assunto da morte da Rita Lee. Isa contou que fizeram uma homenagem a ela no CACOS (nosso Centro Acadêmico de Comunicação Social): acenderam velas para a cantora e colocaram suas músicas para tocar na caixa de som. De acordo com a Isa, o Faria, nosso amigo, ficou ouvindo as canções parado e olhando para o chão. Foi então que entrou uma borboleta dentro do CACOS. Logicamente, todo mundo concluiu que era a Rita. “A borboleta era a cara da Rita Lee”.

Isa me avisou que na sexta-feira haveria um ensaio da banda Chupão Telepático e os Vampiros de Curitiba (composta por ela, Faria e nossos outros amigos, Augustinho e Bruno) com uma homenagem especial à Rita. O plano era ensaiar no campus, como eles sempre fazem, e depois tocar algumas músicas da cantora. Garanti a minha presença no evento.

Na quinta e na sexta, fui atrás do jornal que eu havia esquecido, mas nenhuma banquinha do centro tinha a edição da quarta passada. Me perguntei algo que curiosamente nunca havia me ocorrido antes: “Para onde vão os jornais no dia seguinte?”. Acho que na minha cabeça, eles só continuavam na banca por alguns dias até serem eventualmente descartados para a reciclagem. Na verdade, descobri depois, eles são recolhidos e, dentro de alguns dias, devolvidos para o lugar de onde vieram (por exemplo, a *Folha* é recolhida pela distribuidora e depois levada de volta a São Paulo).

Sexta à noite, depois de sair do estágio, aproveitei o frio como desculpa para comprar algum vinho barato e peguei o ônibus em direção ao meu campus da universidade para ver o ensaio da banda. Logo no início, Faria e Isa tocaram *Esse tal de Roque Enrow*, que eu não pude deixar de filmar e mandar para a minha mãe. Depois disso, a banda ensaiou suas músicas autorais. Passado um tempo de intervalo, eles tocaram *Ando Meio Desligado*, dos Mutantes. Pedi mais músicas da Rita e o Faria respondeu rindo: “A gente só sabe essas duas”. Tocaram *Esse tal de Roque Enrow* pela segunda vez, e, depois, na terceira, eu me juntei para cantar com

a Isa. Finalizado o ensaio, colocamos a versão de *Baby* dos Mutantes para tocar na caixa de som. Eu estava plenamente satisfeita com a homenagem. Por mais que a morte de Rita seja uma perda insuperável, foi uma delícia ter uma desculpa para ouvi-la e vê-la em todo o lugar, além de falar, ler e escrever sobre ela.

A partir daí, pensei que o meu momento de me despedir e de homenagear a minha ovelha negra inspiradora tinha se concluído. No entanto, por apego ou apenas coincidência do universo, esse momento se estendeu por mais algumas semanas — ou talvez esteja se estendendo para sempre. Na segunda-feira da semana seguinte, eu estava andando no bairro Juvevê, indo para a aula, quando decidi parar na Revistaria Bom Jesus e arriscar para ver se não acharia ali o jornal com a Rita na capa. Perguntei, com poucas esperanças, ao vendedor no balcão. Ele disse que não tinha, mas que na manhã seguinte o pessoal da distribuidora iria passar por ali para entregar novos jornais e que ele poderia verificar se eles ainda tinham. Ele foi gentil a ponto de ligar e perguntar para alguém da distribuidora, mas o funcionário não tinha certeza e teria que confirmar. Fiquei muito feliz e esperançosa. O vendedor anotou o meu nome e número de celular, dizendo que iria me avisar caso conseguisse. No entanto, na terça, completando uma semana da notícia da morte da Rita, não recebi nenhuma mensagem do vendedor, e então concluí que não teria como conseguir o jornal mesmo.

Na quarta-feira de manhã, eu estava tomando café para depois sair e ir para a aula, quando recebi uma ligação de um número desconhecido. Como boa tímida e introvertida, não atendi. Alguns minutos depois, recebo uma mensagem no WhatsApp. Era o vendedor da Revistaria Bom Jesus, que se apresentou como Alex. “Chegou aquela *Folha de S. Paulo!*”, disse ele. Assegurei, entusiasmada, que iria buscar o jornal naquela mesma manhã, como de fato fiz quando estava a caminho do campus. Realizada, carregando a *Folha* com uma foto de capa da Rita tirada por Felipe Hellmeister e matérias especiais da *Ilustrada*, cheia de imagens bonitas e discografia comentada, senti que ali, sim, havia encerrado as minhas homenagens à cantora.

Depois de algum tempo, no meio de uma semana, ela apareceu, como se não fosse nada, em um sonho meu. Nós andávamos em um lugar bonito e calmo, uma espécie de labirinto cheio de plantas e flores no chão, nas paredes e no “teto”, mas com muito espaço para entrar ar livre e uma luz solar delicada. Parecia um jardim-labirinto suspenso. Eu estava desanimada e com o coração abatido, por uma série de complicações familiares, existenciais e acadêmicas que haviam se passado naquelas últimas semanas, além da morte da nossa artista mutante. Mesmo assim, não deixei de me arrastar e juntar energia para ir atrás de Rita, que eu encontrei por acaso passeando por ali, e que me recebeu com muito carinho e tranquilidade, mas que também

ficava perambulando de um lado para o outro, como se estivesse explorando o ambiente ou procurando algo. Em alguns momentos, ela sumia e eu corria pelo labirinto para encontrá-la novamente.

Conversei sobre muitas coisas com ela e lhe fazia, com cautela, as perguntas curiosas que me vinham à cabeça. No entanto, depois de acordar, não me lembrava de nada do que havia sido dito, a não ser a última pergunta que fiz a ela no final do sonho: “Rita, como você tá?”. Ela parou de perambular um pouco, mas continuou olhando serenamente para os lados e para o chão, raramente para mim: “Tô bem...”, disse, “Tô com saudade do Roberto”.